

Por fora bela viola

Mauricio Negro

Ilustrações do autor

Faixa etária a partir de 10 anos

32 páginas



TEMAS Humor / Imigração italiana / Fábulas / Anedotas

O **AUTOR** Mauricio Negro nasceu em São Paulo, em 1968, e é designer gráfico, ilustrador e escritor. Ilustrou mais de uma centena de livros, muitos deles premiados, e participou de exposições no Brasil e no exterior. Em 2000, o livro *Alemão*, com ilustrações suas e texto de Ary Quintella, recebeu menção especial no catálogo White Ravens, que reúne os melhores títulos da Feira Internacional de Bolonha.

O **LIVRO** *Por fora bela viola* reúne, conforme indica seu subtítulo, “fabuletas velhucas e anedotas velhacas”. O autor, oferecendo aos leitores o sabor da linguagem e da entonação ítalo-paulistana de seus avós, reconta três fábulas da tradição italiana e quatro anedotas. As narrativas são antigas e atuais, além de universais, como a velhacaria. Ao combinar concisamente fantasia, realismo e comicidade na representação do egoísmo humano, os textos ilustram o título, apontando para a necessidade de desconfiar das aparências e de respeitar os outros.

ANEDOTAS VELHACAS

Uma anedota é uma historieta engraçada sobre um fato real ou imaginário. Já “velhaco” é o mesmo que enganador, trapaceiro, patife. Ou seja, as quatro anedotas do livro (numeradas com algarismos romanos) são histórias divertidas envolvendo indivíduos que se prestam a enganar outros para obter vantagens. Considerando que os protagonistas são idosos, o autor vai contra a imagem convencional de que essas pessoas são sempre sérias e bondosas, e a comicidade é construída justamente a partir da velhacaria de velhinhos que aparentam ser ingênuos e corretos, mas agem com malícia, esperteza, de maneira torta.



O RISO

Por que o cômico nos faz rir? Em seu livro, o filósofo francês Henri Bergson (1859-1941) elenca e analisa formas, gestos, situações e procedimentos que o provocam, apontando como a comédia pode ter início quando se combinam a “insociabilidade da personagem” e a “insensibilidade do espectador”, e o outro “deixa de nos comover”. Segundo o autor, o riso quer corrigir o rígido, o estereótipo e o automatismo, que se opõem à liberdade.

Para saber mais:

• BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DOR DE COTOVELO?

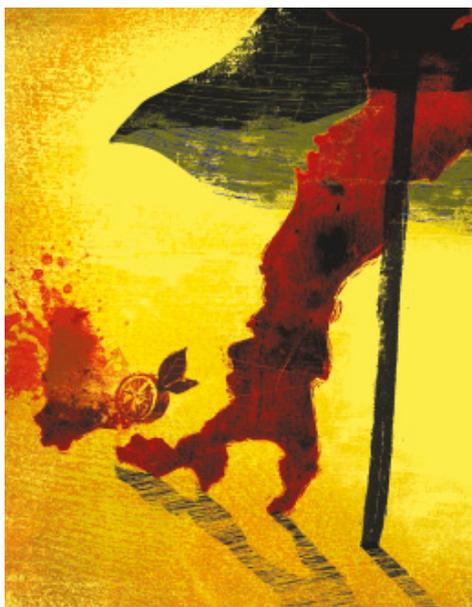
Na primeira anedota, deparamos com a solicitude da avó: pronta a receber o neto e a namorada, ela explica os pormenores de como tocar a campainha do seu apartamento. Porém, a solicitude vem do fato de esperar que o neto chegue carregado de coisas: “— *Ma quê!* Tão vindo de *món* abanando?” (p. 9). Em poucas linhas, com a conjunção adversativa (“*Ma quê!*”) e o gesto indignado e apelativo da ilustração, ambos tipicamente italianos, o leitor apreende a linha de pensamento da mulher: a campainha deve ser tocada com o cotovelo porque é de bom-tom as mãos das visitas estarem ocupadas com presentes, comidas, bebidas etc.

POLENTA NO VELÓRIO DOS OUTROS É REFRESCO

“*Porca miséria!*” (p. 13) — na segunda anedota, é bem italiana a expressão do velho diante do bisneto que não lhe trouxe a desejada polenta, cujo aroma o acordara para a vida. E a graça da exclamação se intensifica ao se explicitar o motivo de lhe recusarem a polenta: a esposa, que já age como viúva, preparou a comida para o velório dele.

Analisando essa segunda anedota com o apoio de *O riso*, de Henri Bergson, compreendemos que a *miséria* é bem mais *porca*: o riso vem em lugar da *misericórdia* pelo velho

moribundo, como quando rimos de alguém que leva um tombo, no que o filósofo chama de “suspensão da simpatia”. A ilustração de uma dentadura num copo (p. 13) confirma o que há de desumano no riso: a gargalhada está fora do velho, que não comerá a polenta.



MALA CHEIA DE GRAÇA

A terceira anedota traduz à perfeição a ambiguidade própria da velhacaria, conjugando uma ingenuidade aparente e um propósito oportunista. Tal ambiguidade cria o efeito cômico. Rimos ante a singeleza da lógica da velha: de fato o transporte de uma mala não é cobrado pelo taxista, mas evidentemente pressupõe-se que o passageiro vá com ela.

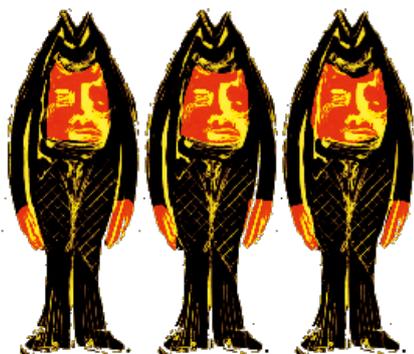
É interessante notar também a ilustração: a bota ao lado da bengala alude ao mapa da Itália, que tem essa forma.

CONJECTURAS PELOS ARES

A comicidade da quarta anedota decorre de seu teor escatológico e da ironia que relativiza a pose científica dos três médicos, “honoráveis especialistas” (p. 27). A aparência de sabedoria dos doutores, cada qual com seu diagnóstico sobre a corcunda da velha, se esvai com o deslize dela. Quem mandou a boa senhora calcular mal os gases e se borrar?

Ao despertar o riso, essa anedota guarda também a lição de que, presos a visões estereotipadas, muitas vezes acusamos e julgamos a corcunda alheia e não enxergamos os próprios equívocos, conforme os ditados “O corcunda não vê a sua corcova, mas a do próximo” e “Quem tem telhado de vidro não atira pedra no do vizinho”.

Assim, sobressai das anedotas a forma concisa como o autor, em geral por meio de personagens idosas cujo egoísmo se torna *nonsense*, atinge comicidade ao romper a expectativa dos leitores.



FABULETAS VELHUSCAS

ADONIRAN BARBOSA

O compositor, cantor, humorista e ator João Rubinato (1910-82) representava várias personagens em programas de rádio, mas foi com Adoniran Barbosa que alcançou grande popularidade e se tornou o pai do samba paulista. Era filho de imigrantes italianos que desembarcaram em Santos em 1895, passaram pela Hospedaria dos Imigrantes e foram trabalhar nas lavouras do município de Tietê. Com humor e a linguagem popular ítalo-paulistana, suas composições trazem cenas do cotidiano e representam tipos brasileiros: os despejados, os engraxates, a mulher submissa que se revolta e abandona a casa, o homem solitário etc. Destacam-se entre suas composições: “Saudosa maloca”, “Samba do Arnesto”, “Iracema”, “Abrigo de vagabundo”, “Tiro ao álvaro”, “Trem das onze”, “Samba italiano”, “Mulher, patrão e cachaça” e “Despejo na favela”.

JUÓ BANANÉRE

Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933), o Juó Bananére, estudou na Escola Politécnica, localizada no Bom Retiro, que era um bairro bucólico e o mais italiano de São Paulo na primeira década do século XX. Iniciou a carreira em 1909 e colaborou com crônicas e poemas em diversos periódicos, escrevendo numa linguagem própria, anárquica, macarrônica, que misturava italiano e português. Em 1911, criou “As cartas d’Abax’o Piques”, coluna de crônicas da revista *O Pirralho*, dirigida por Oswald de Andrade, nas quais imitava a fala dos imigrantes italianos do bairro do Bexiga. Parodiou sonetos de Olavo Bilac, Gonçalves Dias e Luís de Camões, além de *A divina comédia*, de Dante, publicando *La divina increnca* em 1915.

Em *Fábulas italianas*, o escritor Italo Calvino (1923-85) observa como essas histórias trazem “uma explicação geral da vida, nascida em tempos remotos e alimentada pela lenta ruminação das consciências camponesas até nossos dias”. Por meio de uma narração concisa, transmitindo vivências humanas com oralidade e elementos fantásticos, elas são “verdadeiras” histórias do passado, ainda atuais.

Nesse mesmo livro, ele afirma que, em sua “riqueza, limpidez, variedade e cumplicidade entre real e irreal”, as fábulas italianas não devem nada às alemãs (mais conhecidas através dos irmãos Grimm) ou francesas (mais conhecidas por meio de Perrault) e que os grandes livros de fábulas italianos são anteriores aos concorrentes, tendo sido publicados em meados do século XVI, em Veneza. Calvino destaca ainda a capacidade de síntese das narrativas italianas, que criam situações inverossímeis, espirituosas e engraçadas em poucas frases.

O mesmo verbo latino *fabulare* que originou “fabular”, ou seja, contar histórias, inventar, fantasiar, é a matriz do verbo “falar”, que tem entre seus significados exprimir-se, conversar, criar imagens, fazer(-se) compreender. E a oralidade presente na tradição das fábulas italianas é igualmente marcante nestas recriadas por Mauricio Negro a partir das memórias do avô Arsenio, o seu Nenê, filho de imigrantes do norte da Itália. Já o sotaque ítalo-paulistano é inspirado também em **Adoniran Barbosa** e **Juó Bananére**.

QUEM RI DO DEFEITO ALHEIO NÃO VÊ A PRÓPRIA CORCUNDA

Em “Corcunda, maneta e manquitola!”, o rei Ameletto vai passear, todo *gabola*, sem nenhuma *caraminhola*, até que, no meio do caminho, *funiculi, funiculà*, depara com uma velha manquitola e caçoa dela. Repare, nas palavras em destaque selecionadas do livro, como o autor constrói um ritmo divertido, que acompanha a vida sem preocupações da nobreza, cercada sempre por criados que fazem sua comida, arrumam sua cama, seu guarda-roupa etc. Até a famosa canção “Funiculi, funiculà”, composta em 1880 por Luigi Denza (melodia)



e Giuseppe “Peppino” Turco (letra) para celebrar o primeiro funicular de Nápoles, que fazia o caminho até o Monte Vesúvio, é evocada para compor a leveza do passeio do rei.

No entanto, a graça desse quadro logo se transforma numa sucessão de episódios trágicos para a família do rei, quando a velha “corcunda, maneta e manquitola” de quem zombara se revela a fada velhaca Vendetta e deixa a corcunda, a mão inútil e a manqueira para cada uma das três filhas do rei.

“La vendetta” [A vingança] é o título da fábula antiga, publicada na coletânea *Usi e costumi abruzzesi* (Florença, 1883), na qual Mauricio Negro se baseou para escrever esse conto. A palavra “vingança” tem em sua raiz “*vindicare*”, que significa vingar, castigar, pôr em liberdade, e “*vindicta*”, a varinha com que se dava um pequeno toque sobre a cabeça do escravo enquanto se pronunciava a alforria. Portanto, embora o lugar-comum seja aludir à violência, a palavra guarda um sentido de liberdade, reivindicação, vitória. Assim, o ritmo da narrativa volta a ser alegre ao fim, na medida em que a velha se livra não apenas dos problemas físicos, mas sobretudo do estigma com que o olhar do rei a marcara. Notem-se a repetição do verbo *emagrecer*, os diminutivos, a comparação com o macarrão italiano e a onomatopeia, tudo a configurar a libertação de Vendetta:

emagreceu, emagreceu, emagreceu mais ainda e ficou tão fininha quanto um fio de *spaghetti*. Na parede havia um furinho assim e... *schlupt!*... através dele a velhaca escapou, deixando para trás uma mão boba, um pé manco e uma baita duma corcunda. (p. 12)

QUEM MUITO BRÓCOLIS ALHEIO QUER TUDO PERDE

Questões sociais e morais, além dos traços fantásticos, marcam “Pippo, Peppa e Nicoletta”, a segunda fábula recriada por Mauricio Negro a partir da narrativa italiana “A velha da horta”.

Com o tradicional “Era uma vez”, o início já é engraçado, ao apresentar e caracterizar ironicamente a velha Nicoletta: “uma senhora até que jovem para os padrões locais”, “no frescor dos seus cento e três anos” (p. 15). Porém, logo a conhecemos tão sovina a ponto de combater dois irmãos órfãos da aldeia miserável que, famintos, buscavam brócolis na horta dela.



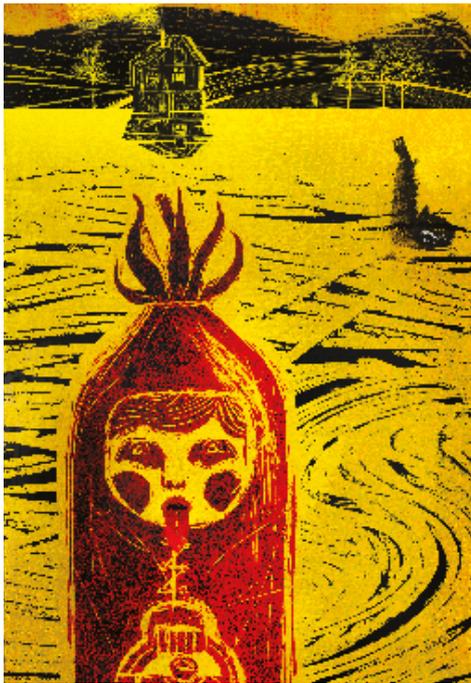
Entremeada de termos em italiano (*sorella*, *arrabiata*, *disgraziato*) e de jogos de palavras e onomatopeias (“O pão calou o cão”, “Cisco e feito”, “Cocoricóóóóóóóóó!”), a narrativa traz uma sucessão de assaltos à horta. Um dia, aparentemente livres de obstáculos, os meninos se fartam de colher brócolis, e quando vão puxar da terra um cogumelo descobrem tratar-se da orelha da bruxa, que se enterrara ali para flagrá-los.

Assim, a fábula subverte as aparências: mesmo sendo tão idosa, a dona da horta não se sensibiliza com a fome dos órfãos, nem tem a sabedoria de partilhar os brócolis com eles, para viver em paz. E, se a fome dos meninos poderia servir de argumento para absolvê-los do crime de roubar uma velhinha, talvez seja imperdoável a tentação cega por aquele último e apetitoso “cogumelo”.

MAIS VALE UMA MENINA SALVA DO QUE UMA PENEIRA EMPRESTADA?

“Na casa da sogra”, a terceira fábula, baseada em “L’orca” [A ogra], publicada em 1883, cria desde o título um jogo engraçado entre as palavras “sogra” e “ogra”.

Na primeira parte da fábula predomina uma atmosfera fantástica, em que acompanhamos a comunhão da menina com a natureza e as coisas, inclusive com uma referência à travessia bíblica de Moisés. Com a missão de buscar uma peneira, a neta vai até a casa da avó (sogra de sua mãe). No caminho, ajuda um rio, um portão de ferro e uma porta, entregando a comida que carregava. Ela finalmente chega, mas a avó foi devorada por uma ogra, que assumiu o lugar dela. O diálogo entre a neta e a ogra disfarçada faz com que o leitor se recorde imediatamente da conversa entre Chapeuzinho Vermelho e o Lobo, e o riso advém do encontro entre a ingenuidade da menina e a agressividade da avó, despropositada até para uma ogra. Longe da delicadeza astuciosa do Lobo Mau, que atribui suas orelhas grandes ao desejo de “ouvir melhor”, a ogra vincula suas orelhas peludas à necessidade de “filtrar perguntas cretinas” como as da neta. Questionada sobre seu nariz grande, a ogra devolve a pergunta: “– Você não tem espelho em casa, não é mesmo, menina?” (p. 23).



E o humor se intensifica na estratégia adotada pela menina para fugir: depois de reconhecer pelo rabo a ogra, ela finge que não dorme sem fazer suas necessidades, e então desce até a estrebaria e amarra uma cabra ali, cujos chifres atingirão a inimiga. Note-se a vivacidade da narrativa nesse momento da libertação, em que o ritmo se faz com a repetição do verbo “puxar” e com a declamação rimada de adjetivos engraçados, a que a menina recorre ao se safar da ogra traiçoeira e responde:

A ogra puxou, puxou que puxou, e a menina começou a gritar:
 – O-gra pe-lu-da! Mons-tren-ga e po-po-zu-da! – Abriu então a porta da estrebaria e... sebo nas canelas! (p. 23)

À semelhança das demais, essa fábula ensina a desconfiar das aparências, mas mostra também que, às vezes, boas ações podem ser recompensadas pela gratidão dos beneficiados. O rio, o portão e a porta salvam a menina da fúria da ogra, gratos pela ajuda anterior.

Ao final, numa espécie de autoironia em relação aos episódios fantásticos da fábula, como se tudo não passasse de invenção da filha, a mãe comemora o heroísmo da menina com um “– Bravo, *bambina, va bene*”, e logo vem a cobrança prática, a lançar luz cômica sobre a inutilidade de todas as peripécias contadas: “Mas e a peneira que eu pedi, cadê?” (p. 24).

Dessa forma, as fábulas que o autor retoma da tradição italiana, às quais adiciona o sabor leve da linguagem da memória de seus avós, conservam atualidade a partir de sua matriz fantástica (com a presença de fadas, bruxas e até intertextualidade com *Chapeuzinho vermelho*), de seu humor e de seu teor moral. O humor e a moralidade nos remetem ao título do livro e ao sentido do **provérbio** “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”. O trabalho de Mauricio Negro com a linguagem, sobretudo italiana, e a fantasia combinada com o realismo na representação do egoísmo humano (sobretudo do rei, da dona da horta e da ogra) reforçam a ideia de respeito às diferenças e aos outros, e de que as aparências enganam.

PROVÉRBIO

Frase curta, rica em imagens, geralmente de origem popular e com ritmo e rima, que sintetiza um conceito sobre a realidade ou uma regra social ou moral. No Livro dos Provérbios, na Bíblia, é uma pequena frase voltada a aconselhar ou educar. Sinônimos: máxima, ditado, dito, sentença.

NA SALA DE AULA

IMIGRAÇÃO ITALIANA

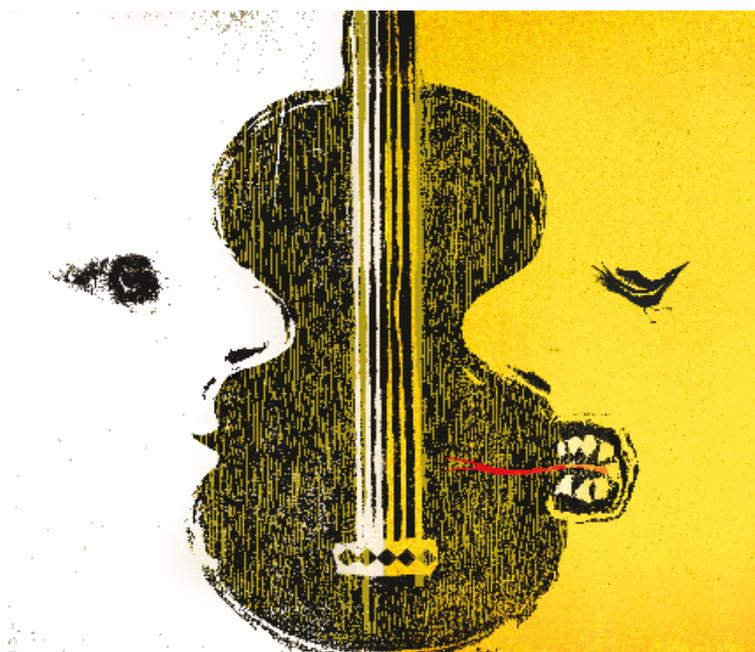
Na primeira metade do século XIX, a Inglaterra, então uma superpotência, pressionou o Brasil para extinguir o tráfico de africanos que trabalhavam como escravos na cultura cafeeira. Com a Lei Eusébio de Queirós, que proibiu o tráfico em 1850, começou a faltar mão de obra nas fazendas de café paulistas, e um grupo de proprietários de terras passou a defender o uso da mão de obra livre. Fermentavam as ideias abolicionistas, e leis como a do Ventre Livre (1871) e a dos Sexagenários (1885) anunciaram o fim da escravidão, que se deu em 1888. Paralelamente, depois das guerras pela Unificação, a Itália sofria com enfraquecimento da economia, crescimento demográfico e desemprego. Tais fatores levaram à intensa imigração de italianos para o Brasil a partir da década de 1870 e sobretudo entre 1887 e 1902. A imigração subsidiada pelo governo brasileiro trouxe milhares de camponeses e lavradores assalariados para as regiões Sul e Sudeste.

NEOLOGISMOS

Invenções linguísticas nem sempre são consideradas neologismos. De acordo com o linguista e gramático Mattoso Câmara (1904-70), para que isso aconteça, é preciso que uma palavra se firme na língua e comece a ser usada pelos falantes, fazendo então parte do sistema linguístico. É o caso de termos que designam novos objetos, costumes, tecnologias. Já invenções linguísticas, estéticas ou lúdicas têm sua função em geral atrelada à obra ou ao momento em que foram criadas, embora eventualmente possam passar ao sistema linguístico e aí se fixar.

1. Antes da leitura, recorde com os alunos o que são provérbios, solicitando que deem alguns exemplos, como: “Deus ajuda a quem cedo madruga”, “Quem ri por último ri melhor”, “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, “Quem tudo quer tudo perde”, “Quem tem telhado de vidro não atira pedra ao do vizinho”, “O diabo não é tão feio como se pinta” e “Quem canta seus males espanta”.

Anuncie que lerão um livro chamado *Por fora bela viola*. Veja se eles sabem como termina o provérbio e o que ele significa. Então, discuta com os alunos os significados de “anedota” e “fábula”, a partir de seus conhecimentos e recorrendo a dicionários.



2. Peça aos alunos que anotem durante a leitura as palavras e expressões que aparecem em itálico. Depois, ajude-os a dividi-las em duas colunas: uma de palavras e expressões em italiano (*sorella, bello, papà*) e outra de palavras e expressões que misturam essa língua ao português (*maquê, elevadore, painel*). Explique como, com a **imigração italiana** em massa principalmente para a cidade de São Paulo, houve um choque entre os vários dialetos falados pelos imigrantes e a língua que encontraram ali, o que resultou no surgimento de **neologismos** e de uma linguagem

Para saber mais

Para o aluno

• LEONARDO da Vinci: *Fábulas, alegorias, adivinhações*. Edith Derdyk. São Paulo: Edições SM, 2010.

Textos extraídos dos cadernos pessoais do artista italiano livremente adaptados e ilustrados.

• IRMÃOS GRIMM. *Contos de Grimm*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

Reunião dos onze principais contos dos irmãos Grimm, ricamente ilustrados.

• LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas selecionadas de La Fontaine*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Edição bilíngue espelhada que reúne 36 fábulas em verso e o prefácio original da primeira edição, escrito por La Fontaine em 1668.

• LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Globo, 2012.

Adaptação de fábulas de Esopo e La Fontaine no universo do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

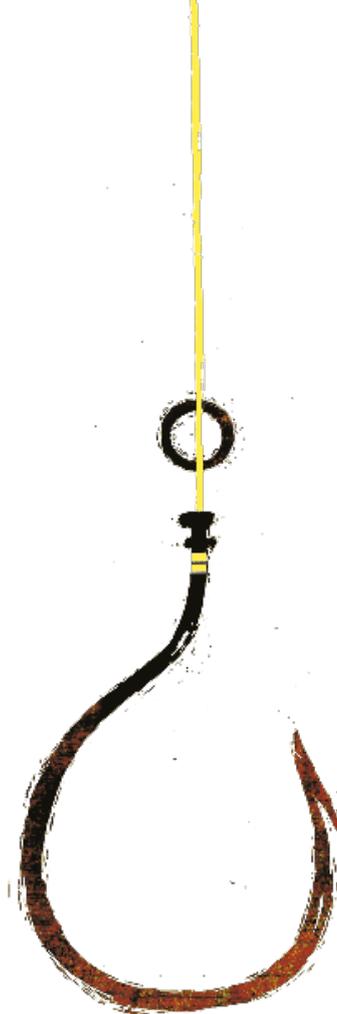
• NAIDOO, Beverley. *Fábulas de Esopo*. São Paulo: Edições SM, 2011.

Adaptação de fábulas de Esopo tomando como ponto de partida a ideia de que o grande fabulista grego teria origem africana.

Para o professor

• CALVINO, Italo. *Fábulas italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Reunião de fábulas italianas encomendada pela editora italiana Einaudi nos anos 1950 para rivalizar com a coletânea francesa de Perrault e a alemã dos irmãos Grimm, já clássicas.

• CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. *Juó Bananére: irrisor, irrisório*. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2009. Seleção de textos publicados entre 1911 e 1917 por Juó Bananére, mantendo a linguagem singular original.



italo-paulistana. Estimule então os alunos a fazer a mesma pesquisa em músicas de Adoniran Barbosa e textos de Juó Bananére e Antônio de Alcântara Machado, formando assim um dicionário italo-paulistano.

3. Peça que os alunos indiquem quais as anedotas e fábulas de que mais gostaram e então comentem o que julgaram engraçado, procurando explicar como se constrói a graça desses textos.
4. Retomando o sentido do provérbio que dá título ao livro, promova um debate, partindo das relações entre: o rei, as filhas e a velha manquitola; a dona da horta e as crianças; a menina, o rio Giordano, a ogra e a mãe. Leve os alunos a pensar sobre a necessidade de desconfiar das aparências e de respeitar as diferenças.
5. Sugira que os alunos leiam *Chapeuzinho vermelho* e a relacionem com a fábula “Na casa da sogra”, apontando semelhanças e diferenças, dando atenção especial ao diálogo entre Chapeuzinho/Lobo e Menina/Ogra.

• CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

Estudo que mostra a influência italiana na cultura brasileira em várias áreas, como arquitetura, jornalismo, escultura, música, pintura, medicina, direito e teatro.

• MACHADO, Antônio de Alcântara. *Novelas paulistas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

Reunião das novelas *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda*, *Laranja da China* e *Mana Maria* e dos textos de *Contos avulsos*, todos de Antônio de Alcântara Machado, que escrevia sobre a comunidade italiana em São Paulo no início do século XX.

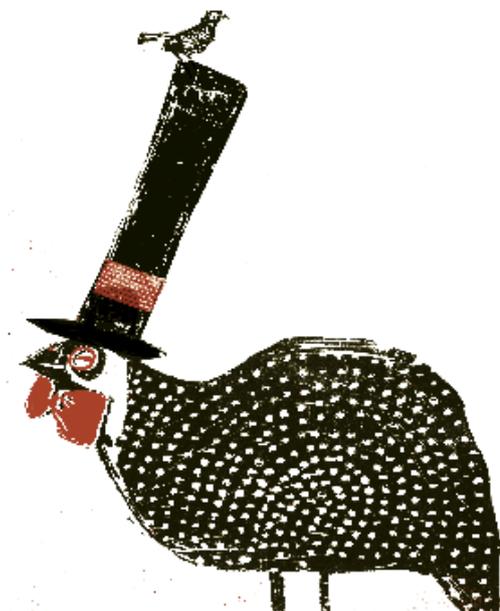
• ROCHA, Francisco. *Adoniran Barbosa: o poeta da cidade*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

O professor e historiador Francisco Rocha toma a vida e a obra do artista como ponto de partida para analisar a São Paulo dos anos 1950.

• VÁRIOS. *Grimm: releituras*. São Paulo: Edições SM, 2014.

Jovens escritores e ilustradores brasileiros recriam contos tornados famosos pelos irmãos Grimm.

6. Proponha que os alunos inventem histórias inspirando-se em provérbios existentes. Depois, sugira o inverso: que eles sintetizem histórias – narradas em livros e filmes ou do seu cotidiano – em máximas.
7. Peça aos alunos para dizer suas ascendências (espanhola, portuguesa, japonesa etc.), então os incentive a conversar com seus pais e avós para conhecer melhor os povos de sua origem. Eles devem procurar em particular histórias, anedotas e expressões idiomáticas típicas, para depois produzir um texto como os do livro que acabaram de ler.
8. Mauricio Negro é antes de tudo um ilustrador, e as imagens do livro constituem uma narrativa complementar ao texto. Vale a pena explorar com os alunos os múltiplos sentidos que podem ser apreendidos das ilustrações no que elas têm de divertidas e intrigantes. Na capa, por exemplo, chame a atenção para o típico gesto da velha, que beija a ponta dos dedos, e para a trança que escapa do coque bem-comportado, em forma de linguíça. Mauricio também brinca bastante com a figura da Medusa, apostando na imagem dos tentáculos do polvo em sentido figurado (p. 29) para expressar o caráter duvidoso das boas velhinhas em questão (por conta de sua esperteza ou cobiça). Outros pontos que vale a pena explorar com os alunos são o gesto de “*Ma quê*” da p. 8 e a figura gestáltica da p. 26, criada pelo pesquisador americano Edward Boring (1886-1968) para demonstrar as várias possibilidades de interpretação visual. Neste caso, uns veem uma dama, outros uma bruxa. E os alunos, o que veem?



ELABORAÇÃO DO GUIA Ieda Lebensztayn (doutora em literatura brasileira pela Universidade de São Paulo – USP); EDIÇÃO LÍgia Azevedo; REVISÃO Carla Mello Moreira.